

Apresentação¹

Histórias Em Quadrinhos: Interfaces Linguísticas

Ana Cristina Carmelino²
Lolyane Cristina Guerreiro de Oliveira³
Maria Isabel Borges⁴
Paulo Eduardo Ramos⁵

A quantidade de pesquisas sobre histórias em quadrinhos cresceu muito no Brasil. Até junho de 2014, os programas de pós-graduação do país haviam produzido 1.763 estudos sobre o tema. A maioria dos estudos, 1.704 (96,7%), foi realizada neste século. Apenas 59 (3,3%) foram realizados entre as décadas de 1980 e 1990.

Os dados surgem ao digitar a palavra-chave “quadrinhos” no sistema de busca do Banco de Teses e Dissertações da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), página que serve de agregador dos mestrados e dos doutorados gestados no país (Brasil, 2024). Ainda que se possa fazer uma leitura crítica do resultado — que não registra, por exemplo, os mestrados da década de 1970, entre os quais pode ser citado o de Cagnin (1975⁶) — são números reveladores.

Trata-se de números reveladores porque explicitam que o assunto passou a ter uma voz bastante eloquente no meio acadêmico brasileiro. Como o levantamento revela, houve um aumento gradual, década a década, até ampliar de forma contundente nos anos recentes. De um trabalho na década de 1980, passou-se a 58 na de 1990, a 321 na primeira década deste século e a 876 na segunda. De 2020 a 2024, já são 507 pesquisas em mestrado e doutorado.

Os dados gerados pela página da Capes também permitem que se tenha um cenário geral de onde as pesquisas têm sido feitas. O mesmo levantamento registra que a área de Letras encabeça o topo da lista de mestrados e doutorados sobre o tema. Foram 245. Talvez um dos motivos disso esteja na amplitude de interesses das Letras, que abarcam aspectos linguísticos, literários, aplicados ao ensino ou não.

O viés educacional pode estar na raiz de outra possível aproximação com os quadrinhos. Estes vêm sendo registrados nos documentos oficiais de ensino desde o final do século XX (Vergueiro; Ramos, 2009). Eles constam nos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), nas OCEM (Orientações Curriculares para o Ensino Médio) e, mais recentemente, na BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Aparecem também em editais de leitura, como o extinto PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola) e PNLD Literário (Programa Nacional do Livro e do Material Didático).

Como abordar essa forma de produção em sala de aula é um tema de pesquisa atual e cuja abordagem é difícil de ser exaurida, é de se esperar que também tenha impactado nas produções científicas geradas pelos programas de ProfLetras (Mestrado Profissional em Letras), dedicados

¹ Tradução de Guilherme Bartolomeu Gonçalves.

² Doutora em Linguística pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Professora Associada IV na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) - a.carmelino@unifesp.br

³ Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Professora Adjunta C na Universidade Estadual de Londrina (UEL) - lolyane@uel.br

⁴ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Associada A na Universidade Estadual de Londrina (UEL) – mariaborges@uel.br

⁵ Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Professor Associado IV na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) - paulo.ramos@unifesp.br

⁶ Em 1975, foi feita a primeira publicação pela editora Ática. Em 2014, pela editora Criativo, foi republicada, com outro projeto gráfico, incluindo comentários de estudiosos que conviveram com Antonio Luiz Cagnin.

especificamente ao estudo da língua e da literatura no ensino. Das 1.763 pesquisas mencionadas anteriormente, a maior parte, 1.074, é de mestrado.

Outro dado acentua essa percepção: o de que 82 pesquisas foram desenvolvidas especificamente na área de Língua Portuguesa. É a quinta macroárea em volume de estudos sobre quadrinhos. Vem atrás de Letras (245), Comunicação (112), História (111) e Educação (85).

O que se conclui com base em todos esses números?

Em primeiro lugar, há um aumento no número de pesquisas sobre quadrinhos no país, como já comentado. Em segundo, também existe uma inclinação por integrantes da área de Letras (e Língua Portuguesa) em estudar o tema. E, em terceiro, há um incontornável olhar de outros campos teóricos para o mesmo assunto.

Tudo isso mais do que se justifica, portanto, que seja dedicado um número temático, alocado entre os periódicos vinculados à área de Linguística e Literatura, para abordar as histórias em quadrinhos. Também se justifica a linha-mestra adotada pela “Revista Signum: Estudos da Linguagem” de estimular análises que firmassem um diálogo interdisciplinar, posto que, como evidenciam os dados da Capes, diferentes campos do saber demonstram interesse pelo assunto.

Nesse sentido, constrói-se um modelo epistemológico a respeito dos quadrinhos. Estes configuram um campo próprio de estudo e de atuação sociocultural, como postulam autores como Alves-Costa (2021) e Carvalho (2017, p. 163), para quem a “aceitação e o entendimento dos quadrinhos como um campo de produção cultural legítimo acabou por transformar esse ‘processo’ em algo cíclico: a valorização do objeto valorizou o campo, o que conseqüentemente valorizou o objeto”.

Ao mesmo tempo em que configuram um campo, os quadrinhos se tornam interesse de outros campos teóricos, estabelecendo com eles um profícuo diálogo. Trata-se de um diálogo que funciona como uma “via de mão dupla”. Assim como os quadrinhos são vistos por um olhar externo, demandam que sejam enxergados por meio de suas singularidades constituintes, como o modo de publicação/circulação, autoria, recursos próprios de sua linguagem (balão, quadro, onomatopeia, metáfora visual, entre outros).

Foi essa a proposta que a “Revista Signum: Estudos da Linguagem” procurou abordar neste número temático, intitulado “Histórias em quadrinhos: interfaces linguísticas”. Os editores esperavam, por ser um periódico vinculado à área de Linguística e Literatura, mais propostas de artigos alinhados a esse viés científico. Sim, tais propostas vieram, porém não as únicas, como se comprova no conjunto de doze artigos aprovados. O ponto comum era a preocupação em como abordar as histórias em quadrinhos de forma interdisciplinar.

Em “O afrofuturismo na adaptação sequencial de *Kindred* (2017)” (Carlos E. de A. Placido e Nataniel dos S. Gomes, p. 14-26) e “Os Limites da Figuração da Morte e a Existência do “Ser-Rizoma” em *Monstro do Pântano* de Alan Moore” (Norival Bottos Júnior e Matheus F. M. dos Santos, p. 27-39), o olhar filosófico norteia as reflexões teórico-analíticas de duas histórias em quadrinhos, respectivamente *Kindred* (Jennings; Duffy, 2017⁷) e *Monstro do pântano* (Moore *et al.*, 1986⁸), sempre em diálogo com outras perspectivas, tais como: a psicanálise, a sociologia e a história. Para Placido e Gomes (2024), o afrofuturismo configura um movimento que propõe repensar, como o próprio termo alude, o papel das representações da cultura africana em momentos futuros. A proposta é se distanciar de visões mais eurocêntricas, dando voz e visibilidade a aspectos da cultura negra. Como destacam os autores, há poucas produções em quadrinhos que ponham os negros como protagonistas. Ao mesmo tempo em que analisam obras como a selecionada, estudos sobre o tema ajudam a evidenciar tais produções no meio acadêmico também.

Em relação à construção do *Monstro do Pântano* como personagem, Bottos Júnior e Santos (2024) esboçam a complexidade a partir de duas concepções antropológicas sobre morte: a da morte-renascimento e a do duplo. A personagem se percebe como planta, afastando-se da ideia do que poderia ser como homem. “Logo, o monstro é uma planta sem humanidade para conservar, pelo

⁷ JENNINGS, Jennings; DUFFY, Damian. **Kindred**: a graphic novel adaptation. Abrams Comicarts, 2017.

⁸ As primeiras publicações começaram em 1986, tendo Alan Moore como roteirista, em colaboração com outros (cor, arte etc.). Atualmente, a Panini Books publica os diversos números no Brasil.

menos sem uma humanidade no sentido em que pensara ter e que a lição de anatomia de Woodrue provou não existir” (Bottos Júnior e Santos, 2024, p. 38-39). As memórias estabelecem relações com o já morto e o que está vivendo, diretamente contribuindo para a construção complexa de tal personagem. Somado a isso, os estudiosos acrescentam a ideia de rizoma, de modo a não ser possível delimitar um início e um fim para a constituição da personagem Monstro do Pântano, porque o que importa é o meio sempre em movência.

Em “Laços de Família: a construção identitária da avó de Marjane na novela gráfica *Bordados*” (Célia D. dos Santos, p. 40-52) e “Tradição e ruptura: a representação do feminino nas tirinhas da Mafalda a partir de uma análise materialista do discurso” (Vanessa A. de Araújo e Alan L. de Souza, p. 53-64), há uma discussão sobre a constituição identitária de mulheres. No primeiro artigo, a partir do protagonismo da avó, “Marjane Satrapi se destaca dentre as quadrinistas atuais que saíram do ocultamento para o protagonismo cultural” (Santos, 2024, p. 41), muito conhecida pela história em quadrinhos *Persépolis*⁹ (2007). Já Araújo e Souza (2024) evidenciam o conflito entre três personagens (duas crianças e uma adulta) que representam posicionamentos sobre as mulheres: a resistência de Mafalda, a resignação de Susanita e a descoberta de Raquel, também mãe da primeira garotinha. A Análise do Discurso de linha francesa norteia as reflexões sobre as tiras. Também há uma contribuição dessa corrente na reflexão sobre a constituição da avó de Marjane Satrapi, em *Bordados*¹⁰, em conexão com as ideias de: Bakhtin/Volóchinov¹¹ sobre os valores ideológicos das palavras, as de Stuart Hall¹² a respeito de como a identidade do sujeito pós-moderno se constitui de modo fragmentado, porém sempre aberto às transformações interpeladas pela cultura e pela história. As características biológicas são insuficientes para pensar o sujeito contemporâneo.

A Análise do Discurso está presente em mais dois artigos: “Aranhaverso: um cronotopo englobador das produções discursivas de Homem-Aranha” (Ive M. de Domiciano, Pollyanne B. Ribeiro e Francisco R. da Silva, p. 75-91) e “A dengue em números em charges: efeitos de sentido da quantificação sob a ótica semiolinguística” (Eveline C. Cardoso, Glacy K. R. da S. Xavier e Nadja P. de S. e Silva, p. 92-108). No primeiro, os estudos dialógicos de Mikhail Bakhtin e Círculo — a Teoria Dialógica do Discurso (TDD), como utilizado pelos autores — são trazidos para a compreensão do “[...] papel do cronotopo nas produções discursivas do Homem-Aranha”, colocando “[...] o aranhaverso como um cronotopo, no qual, através das diferentes produções multissemióticas em que o personagem aracnídeo é protagonista, pequenos tempos dialogam entre si para construir esse cronotopo, que, por sua vez, permite modos de construir visões de homem e de mundo que se responsabilizam enunciativamente frente ao grande tempo cultural” (Domiciano; Ribeiro; da Silva, 2024, p. 76). No segundo artigo, a principal referência quanto à Análise do Discurso é Patrick Charaudeau — a Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso, segundo os autores. Também há contribuições de Dominique Maingueneau. Ancorados teórico-metodologicamente, Cardoso, Xavier e Silva (2024, p. 93) analisam três charges publicadas neste ano e que tematizam como a epidemia de dengue não deixou de ser um problema sanitário tipicamente brasileiro diante da pandemia por covid-19: “[...] um inimigo *antigo* que, por *muito tempo, vinha sendo* o centro das notícias sanitárias no Brasil, estava à espreita para voltar à cena como protagonista: o vírus da dengue, junto a seu transmissor, o mosquito *Aedes aegypti*”.

Em “*Webtoon*: da plataforma digital ao hipergênero multimídia nas histórias em quadrinhos” (Celbi V. M Pegoraro, 2024, p. 65-74), a concepção de *webtoon* é o foco da discussão, sendo necessária a diferenciação em relação às produções quadrinísticas em formato de *webcomic*. Entendida como plataforma de leitura de histórias em quadrinhos, também é “[...] um produto híbrido de grande complexidade até mesmo do ponto de vista da preservação do conteúdo digital”, argumenta Pegoraro (2024, p. 72). A busca pelas possíveis influências do hibridismo cultural

⁹ SATRAPI, Marjane. **Persépolis**. Tradução de Paulo Werneck. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

¹⁰ SATRAPI, Marjane. **Bordados**. Tradução de x. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

¹¹ BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. São Paulo: Hucitec, 1997.

¹² HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

atravessa: de um lado, a reflexão desenvolvida por Pegoraro (2024), por exemplo a cultura sul-coreana na criação das *webtoons*; de outro, a realizada por Domiciano, Ribeiro e Silva (2024, p. 75-91), quando se propõem a mostrar as diferentes formas de ver o homem (o Homem-Aranha) e o mundo (o multiverso). Isso se dá em função de que as histórias em quadrinhos estão abertas às influências sócio-históricas e principalmente culturais e tecnológicas (internet). Fortemente as histórias em quadrinhos, sejam impressas, sejam digitais, são transpostas para o cinema e para as produções seriadas ou não, distribuídas em plataformas de *streaming*, por exemplo. As histórias em quadrinhos são claramente abertas às mudanças sócio-históricas e estão em sintonia com as necessidades do público-alvo.

Isso, em certa medida, reafirma princípios bakhtinianos (Bakhtin, 2016) quanto às características dos gêneros discursivos, por exemplo: a) as influências das atividades humanas e das interações sociais na própria constituição dos gêneros, de maneira a caracterizar determinados campos da comunicação discursiva; b) a história da linguagem acompanha as transformações da história da sociedade; c) os gêneros discursivos são perpassados pela flexibilidade e historicidade.

O humor também é entendido como um campo, segundo Possenti (2013). Em vários gêneros pertencentes ao campo das histórias em quadrinhos, relações intertextuais e dialógicas são estabelecidas com o campo do humor. Em “Humor e mundo do trabalho: uma análise dos conflitos nas relações de trabalho nas tiras “Ócios do Ofício” (Rozinaldo Antonio Miani, p. 109-124), é feita uma análise de quinze tiras produzidas por Gilmar Barbosa, primeiramente publicadas no final dos anos 1990 e início de 2000, em um jornal paulistano, o *Diário de São Paulo*, e depois em vários outros e revistas. Depois, parte das tiras foi compilada em “Ócios do Ofício”, editora Escala (Barbosa¹³, 2002). A partir dessa análise, compreende-se que a construção cômica se dá duplamente e de maneira interdependente, tanto no âmbito linguístico quanto gráfico (o desenho). Além disso, observa-se uma particularidade das tiras cômicas: a publicação em jornais impressos para uma posterior publicação em formato de livro, uma seleção de textos (Borges, 2022; Ramos, 2010, 2011, 2017).

As aproximações entre o campo das histórias em quadrinhos e o do humor também ocorre com o do jornalismo. As tiras cômicas são publicadas nas seções ou nos cadernos de entretenimento, enquanto as charges nas seções de opinião. Cardoso, Xavier e Silva (2024, p. 92-108), no artigo já mencionado anteriormente e centrado na reflexão semiolinguística sobre a dengue, analisaram três charges publicadas em jornais cuja tradição se iniciou pela versão impressa, hoje também na versão digital: o *Jornal Notícias* (Florianópolis, Santa Catarina), *Tribuna* (Ribeirão Preto, São Paulo) e *Zero Hora* (Porto Alegre, Rio Grande do Sul). Outro exemplo de publicação iniciada no jornal são as tiras cômicas da Mafalda¹⁴, analisadas em “Tradição e ruptura: a representação do feminino nas tirinhas da Mafalda a partir de uma análise materialista do discurso” (Araújo; Souza, 2024, p. 53-64). Posteriormente, tais tiras foram compiladas em livro. No Brasil, a compilação mais conhecida é pela editora Martins Fontes, intitulada *Toda Mafalda*¹⁵.

Ainda há um terceiro exemplo, as tiras de Armandinho, uma produção de Alexandre Beck. Inicialmente, o garotinho de cabelo azul conquistou o público do jornal *Diário Catarinense* em 2009. Na época, o garotinho não possuía cabelo azul e não era chamado de Armandinho. Ele foi nomeado pelo público como Armando, depois ficou Armandinho e hoje é carinhosamente chamado de Dinho. Nem mesmo o Sapo era o seu companheiro. Houve uma experimentação com baratas, mas não foram bem recebidas pelo público. Também é um sucesso nas redes sociais, principalmente no *Instagram* e *Facebook*, as duas fontes utilizadas em “Uma abordagem sociocognitiva do texto na construção implícita do referente identificado pelo pronome “ele/s” em tirinhas de Armandinho” (Maria Verônica M. Lima, Janaica G. Matos e Mário J. Muniz, p. 140-156), para a escolha de quatro tiras criadas por Beck, além de uma tira produzida por Nando Motta (*Instagram*). Os autores

¹³ BARBOSA, Gilmar. *Cartuns & Humor: Ócios do Ofício*. São Paulo: Editora Escala, 2002.

¹⁴ As primeiras tiras foram publicadas em *Primera Plana*, em 1964, depois, em *El Mundo*, de 1965 a 1967. A partir de 1967, as tiras passaram a ser publicadas exclusivamente em *Siete Días*.

¹⁵ QUINO. **Toda a Mafalda**: da primeira à última. Tradução de Andréa Stahel M. da Silva *et al.* São Paulo: Martins Fontes, 1993.

pautaram sobretudo em Koch (2004; 2018), Koch e Cunha-Lina (2011) quanto ao estudo do texto sob a perspectiva da sociocognição. Quanto à referência, pensada como “noção de redes referenciais” (p. 141), apoiaram-se nas ideias de Matos (2018), Cavalcante *et al.* (2020; 2022), incluindo o olhar multissemiótico de Custódio Filho (2011). A partir da análise, mostraram uma rede de referentes em torno do uso do pronome “ele/s”, com destaque para o uso dos implícitos.

O olhar da Linguística Textual norteia não só o artigo “Uma abordagem sociocognitiva do texto na construção implícita do referente identificado pelo pronome “ele/s” em tirinhas de Armandinho” (Lima; Matos; Muniz, 2024, p.140-156), como também em “O tópico discursivo a serviço da compreensão leitora em HQ” (Kleiane B. de Sá, Sâmia A. dos Santos e Suelene S. Oliveira, 2024, p. 125-139). O tópico discursivo em *O diário de Anne Frank em quadrinhos* (Folman; Polonsky, 2017) foi o objeto de análise, para que fosse articulada com a compreensão leitora necessária um texto em quadrinhos. Segundo as estudiosas, a organização tópica, demonstrada por meio da análise, está baseada em duas propriedades: a da centração e a da organicidade.

A sociolinguística variacionista, sob a ótica laboviana, orienta teórico-metodologicamente o artigo “O construto em tempo real nos quadrinhos da Turma da Mônica: uma análise do fenômeno do objeto direto anafórico de terceira pessoa da década de 1970 até a década de 2010” (Carolina A. Zanellato e Leila M. Tesch, p. 157-168). O objeto direto anafórico de terceira pessoa do Português Brasileiro foi observado nos usos feitos da década de 1970 até a meados de 2010, por quatro personagens da *Turma da Mônica*, uma criação de Mauricio de Sousa. As autoras destacam que, no Português Brasileiro, é possível a ocorrência do fenômeno linguístico em questão de quatro maneiras:

- 1) clítico acusativo, como em: “Opa! Esse *homem* parece que está ferido! Vou socorrê-**lo!**” (Mônica, 1970, n. 01, p. 5);
- 2) pronome lexical, como em: “Tem mais um *gato* nesta casa! Mas eu pego **ele!**” (Magali, 1994, n. 123, p. 27);
- 3) sintagma nominal, como em: “Pergunte ao *Cascão!*... Cascão? Bem que eu queria achar **aquele moleque!**” (Cascão, 1985, n. 87, p. 8);
- 4) objeto nulo, como em “Eu encontrei o *Sansão* perdido no campinho e guardei **o** pra você!” (Cebolinha, 2013, n. 74, p. 31) (Zanellato; Tesch, 2024, p. 158)

Gradativamente, de década a década, foi observada uma queda do uso do pronome de terceira pessoa como objeto direto, uma influência das gramáticas normativas: “[...] enquanto na década de 1970, início das publicações da revista, essa forma obtinha 54,5% do total das ocorrências, na década seguinte obteve somente 10,9%, queda de mais de 43 pontos percentuais. Na última década analisada, 2010, o clítico ocupa somente 2,5% do total de retomadas do objeto direto anafórico” (Zanellato; Tesch, 2024, p. 165). As transformações da sociedade brasileira, com o fim da ditadura militar por exemplo, podem explicar o crescimento do uso do pronome lexical. Dentre as preferências observadas das décadas de 1970 a 2010, estão o sintagma nominal anafórico (44,4%) e o objeto nulo (24,1%).

Em “Um relato de experiência com histórias em quadrinhos em uma Escola Estadual de Carpina, Pernambuco” (Eronildo da S. Biondinni e Jonathas de P. Chaguri, 2024, p. 169-182), são trazidos os principais resultados ligados ao desenvolvimento de uma proposta didático-pedagógica com uma turma do 9º ano do ensino fundamental. Os estudos vinculados ao Círculo de Bakhtin constituem uma parte da base teórica, ao lado dos princípios metodológicos pertencentes à pesquisa-ação. Foram ministradas 24 aulas de língua portuguesa em uma escola estadual pública, localizada em Pernambuco. Os autores destacam que, com o trabalho com as histórias em quadrinhos, foi possível influenciar a formação dos alunos em relação às capacidades de leitura e produção escrita. Também ressaltam a mudança de percepção dos alunos sobre as funções do humor, dentre elas: de “fazer rir” para problematizar a sociedade e as pessoas que nela vivem. Em contexto escolar e na condição de professores de língua portuguesa e de outras disciplinas, frequentemente as histórias em quadrinhos são transformadas em objetos de ensino e aprendizagem, deslocando-as de um campo discursivo para outro — quer dizer, do campo quadrinístico ao escolar. E, conseqüentemente, tais histórias são ressignificadas sobretudo em relação às funções.

O ato de contar histórias está enraizado no comportamento social dos grupos humanos — antigos e modernos. As histórias são usadas para ensinar o comportamento dentro da comunidade, discutir morais e valores, ou para satisfazer curiosidades. Elas dramatizam relações sociais e os problemas de convívio, propaga ideias ou extravasa fantasias. Contar uma história exige habilidade (Eisner, 2013, p. 11).

Considerando os artigos que compõem o dossiê “Histórias em quadrinhos: interfaces linguísticas”, volume 27, número 2 (2024), percebe-se que as histórias em quadrinhos, como a própria nomeação já contempla em certa medida, se renovam em formas e estratégias diferentes e em gêneros diversos, porque, uma vez campo, a heterogeneidade constituinte lhe é característica, como destaca Possenti (2013, p. 173), ao caracterizar o campo do humor.

Todos os campos são internamente heterogêneos. [...] Mas, apesar da heterogeneidade, há procedimentos relativamente claros, embora instáveis, que caracterizam cada campo¹⁶. [...] Por mais que se possa verificar que as formas são múltiplas, elas não se confundem com as de campos como o filosófico ou o científico ou o religioso. Assim, é possível traçar de alguma forma seus limites, e não confundi-lo.

A heterogeneidade típica do campo das histórias em quadrinhos converge os artigos e ao mesmo tempo demarca interfaces com outros campos e perspectivas teórico-metodológicas. “Os campos se organizam de maneiras diferentes: os filósofos não atuam como cientistas, que não atuam como os escritores. Também o percurso típico de formação dos membros de cada campo é diferente” (Possenti, 2013, p. 172). Isso ocorre porque as interfaces estabelecidas entre as histórias em quadrinhos e outros campos, abordagens, perspectivas as fortalecem como um campo.

Por fim, na condição de organizadores do dossiê “Histórias em quadrinhos: interfaces linguísticas” (*Revista Signum: Estudos da Linguagem*, volume 27, número 2), agradecemos aos autores, aos membros do conselho editorial científico e aos pareceristas *ad hoc* que, juntos, possibilitaram a divulgação de reflexões teórico-metodológicas em torno das histórias em quadrinhos.

Referências

ALVES-COSTA, Lucas Piter. **Quadrinhos**: autoria, práticas institucionais e interdiscurso. Catu, BA: Bordô-Grená, 2021. Disponível em: https://www.editorabordogrena.com/_files/ugd/d0c995_ed2c5da9d0034fa8af4aecdd746cd5eb7.pdf. Acesso em: 22 jun. 2024.

BRASIL. **Banco de Teses e Dissertações da Capes**. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 22 jun. 2024.

BAKHTIN, Mikail. **Teoria do romance II**: As formas do tempo e do cronotopo. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio, notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BORGES, Maria Isabel. Armandinho e o ano de 2020: COVID-19 e outros temas. **Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 88-105, 2022. DOI: 10.47295/mren.v11i1.172. Disponível em: <http://revistas.urca.br/index.php/MacREN/article/view/172>. Acesso em: 9 out. 2024.

CAGNIN, Antonio Luiz. **Os quadrinhos**: um estudo abrangente da arte sequencial, linguagem e semiótica. São Paulo: Criativo, 2014.

¹⁶ “O conceito de campo, proposto por Bourdieu (2004) e reformulado por Maingueneau (2005), é caracterizado no interior de um universo discursivo, no qual é possível isolar espaços discursivos que mantêm relação com certos discursos” (Carmelino; Possenti, 2019, p. 32).

CAGNIN, Antonio Luiz. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.

CARMELINO, Ana Cristina; POSSENTI, Sírio. Charge, memória e polêmica: o caso Bolsonaro. **Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras e Linguística**, Franca, v. 15, n. 2, jul./dez, 2019. DOI: <https://doi.org/10.26843/dp.v15i2.3612>. Disponível em: <https://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/view/3612>. Acesso em: 10 out. 2024.

CARVALHO, Beatriz Sequeira de. **O processo de legitimação cultural das histórias em quadrinhos**. 176 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo: 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-31102017-123128/publico/BEATRIZSEQ UEIRADECARVALHOVC.pdf>.

EISNER, Will. **Narrativas gráficas**: princípios e práticas da lenda dos quadrinhos. 3. ed. rev. e ampl. Escrito e ilustrado pelo autor. Tradução de Leandro Luigi Del Manto. São Paulo: Devir, 2013.

FOLMAN, Ari; POLONSKY, David. **O diário de Anne Frank**. Tradução de Raquel Zampil. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2017.

POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.

RAMOS, Paulo. **Tiras e ensino**. São Paulo: Parábola, 2017.

RAMOS, Paulo. **Faces do humor**: uma aproximação entre piadas e tiras. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2010.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação**: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-42.